

CONTOS DO VELHO JAPÃO. No 6.

O ESPELHO DE MATSUYAMA

Traduzidos para o português por
J. E. de CAMPOS.



Publicados por T. HASEGAWA, 17 Kami Negishi, Tokyo, Japão.

不許複製
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
CONTOS DO VELHO JAPÃO. Nº 6.

葡文日本昔噺第六號
松山鏡
大正四年九月一日印刷
同 九月十日發行
發行所 東京市下谷上根岸十七番地
長谷川武次郎
印刷者 柴田喜一



O ESPELHO DE MATSUYAMA.

Ha muito tempo, viviam num tranquillo logar um homem e sua mulher. Tinham elles uma filha, uma criancinha a quem amavam de todo o coração. Não vos direi seus nomes, porque ha muito foram esquecidos; mas o nome do ameno logar que habitavam era-Matsuyama, no Echigo.

Aconteceu que um dia, quando a menina ainda era bem pequenina, o pae foi obrigado a ir á grande cidade, á capital do

Japão, para tratar de negócios. Era muito longe para irem com elle a mulher e a filhinha, de modo que partiu sósinho, promettendo trazer-lhes lindos presentes.

A mulher nunca tinha ido além da aldeia vizinha e não deixou de se assustar um pouco com a ideia do marido emprehen-der tão longa viagem, mas ao mesmo tempo sentia-se orgulhosa por ser elle o primeiro homem do lugar que ia á grande cidade onde vivia o rei, rodeado de grandes senhores, onde havia



tantas e tão curiosas cousas dignas de vêr-se.

Chegou emfim o dia em que ella devia vêr, de volta, o seu marido. Para espera-lo vestiu a filhinha com a roupa mais bonita que tinha, e ella propria vestiu um lindo kimono azul que seu marido muito apreciava.

Imaginae como não ficou contente esta excellente mulher ao vêr voltar o seu marido alegre e são, e as palmas e risadas de prazer da pequenina ao vêr os bonitos brinquedos que o seu papae lhe havia trazido!





E elle quantas maravilhas não tinha para contar sobre o que vira durante a viagem e na cidade!

“Eu trouxe-te, disse á mulher, uma cousa muito bonita. Chama-se: um espelho. Olha e dize-me o que vêslá dentro.” E deu-lhe uma caixa de madeira branca muito bem envernizada, onde ella achou uma placa redonda de metal. Um dos lados era branco como prata adamascada e ornado de figuras em relevo representando passaros e flôres; o outro brilhante e polido como

o mais puro crystal. A moça
examinou-a com prazer e admira-
ção, porque do fundo do espelho
uma linda carinha de lábios ver-
melhos e olhos claros lhe sorria.....

“E então, o que vês?” per-



guntou-lhe o marido, divertido com o espanto da mulher e contente por poder mostrar que havia apprendido alguma cousa na viagem. “Vejo, respondeu ella, uma mulher bonita que me olha e mexe os labios como si falasse. E tem-como é curioso:- um kimono azul igual ao meu.”

“Tolinha, é o teu proprio rosto que vês, replicou o marido, orgulhoso por saber uma cousa que sua mulher ignorava. Esta placa de metal chama-se espelho. Na cidade toda gente tem o seu, embora por aqui nunca tivesse

apparecido um siquer.

A mulher ficou encantada com o presente, e durante alguns dias não se cançou de se mirar ao espelho, porque, como estão lembrados, era a primeira vez que o via e tambem a primeira vez quz via o seu rostinho gracioso. Mas depois achou que era um objecto muito precioso para o uso diario e guardou-o cuidadosamente na caixa envernizada, entre outras cousas de valôr.

Passaram-se annos, e marido e mulher sempre viveram felizes. A maior alegria de sua vida era

a filhinha, que crescia, imagem viva de sua mãe, tão affectuosa e obediente que todos a amavam.

Lembrando-se do momento de vaidade que tinha tido ao se achar tão bonita, a mãe conservava o espelho cuidadosamente escondido, temendo que a filha, ao vê-la utilizar-se d'elle, viesse a se tornar faceira. Ella nunca lhe falou no espelho, e quanto ao pae..... esse ha muito que o esquecêra.

Crescia, pois, a menina tão simples como havia sido sua mãe, sem saber quanto era encantado-

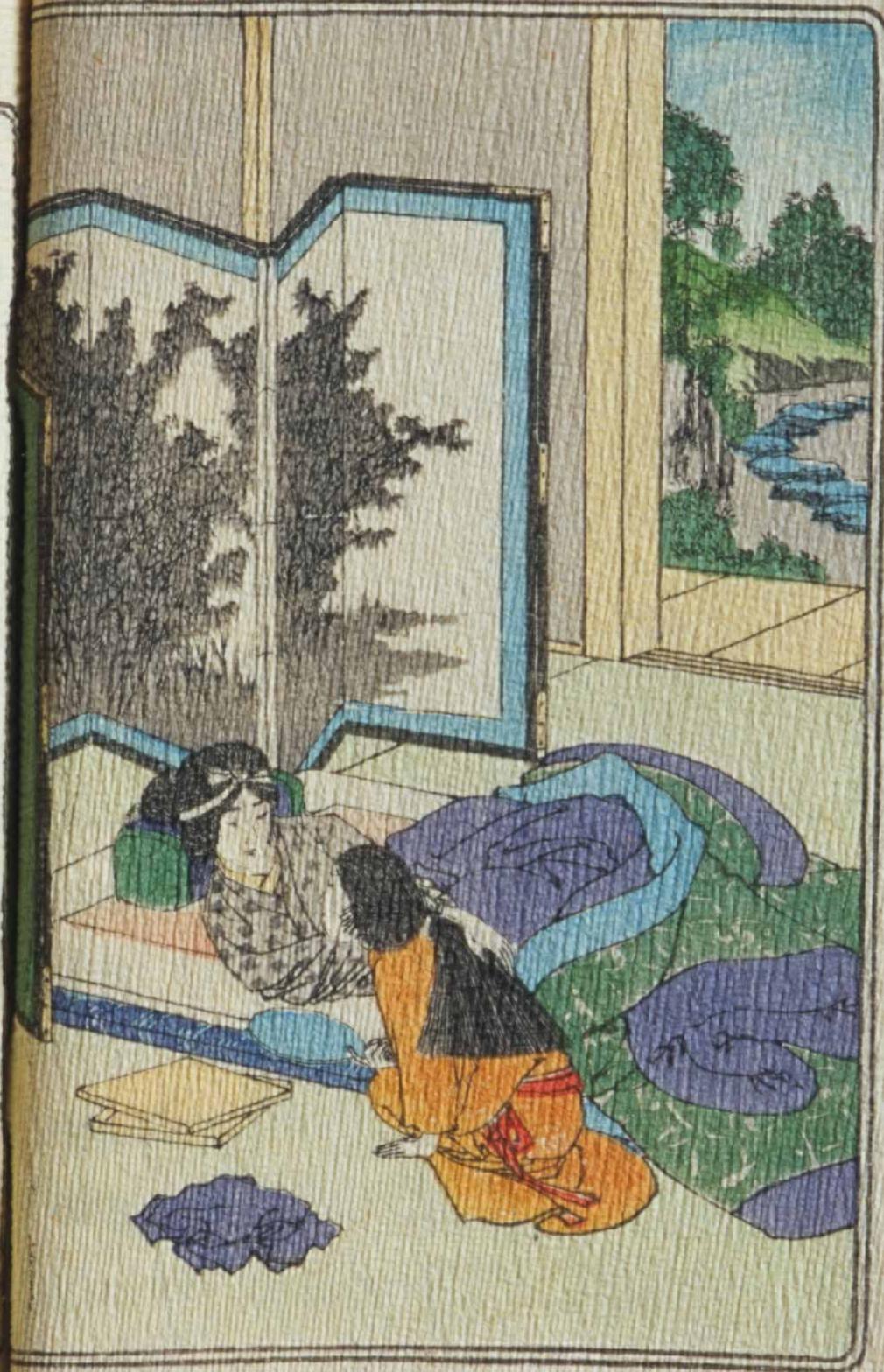
ra, e sem conhecer o espelho, que lh'o houvera revelado.

Entretanto, uma grande desgraça veio ferir esta familia feliz. A bôa, a terna mãe cahiu doente, e apezar da filha trata-la, noite e dia, com o maior carinho e desvelo, foi indo de mal a peor, até que por fim nenhuma esperanza restava de a salvar.

Vendo que tinha de deixar em breve o marido e a filha, a pobre mulher ficou immensamente triste, não por si, mas pelos que ficavam, principalmente a filha tão querida. Chamou-a, pois,

e disse-lhe: - Minha querida filha, eu estou muito mal. Devo morrer logo e deixar-te só com teu pae. Promette-me que, quando eu morrer, tu olharás todos os dias, de manhan e de noite para este espelho. Eu apparecerei nelle e assim tu verás que eu sempre velarei por ti." Isto dizendo, deu-lhe o espelho. A filha, chorando muito, prometeu, e a mãe, calma e resignada, d'ahi a pouco morreu.

Ora a mocinha, obediente e respeitosa, nunca esqueceu a ultima recommendação de sua mãe;



todas as manhans e todas as noites, tirava o espelho da caixa e olhava para elle muito tempo. Via, então, a clara e sorridente imagem da mamãe perdida. Mas não palida, doente como nos ultimos tempos da sua vida: era a mamãe joven, bella como d'antes.

A ella contava a mocinha, de noite, as contrariedades e difficuldades do dia; a ella, de manhan, pedia coragem e conforto para as lutas do dia. Assim vivia sempre ao lado de sua mãe, esforçando-se sempre por lhe agradar, como fazia quando ella era

viva, e evitando cousar-lhe o menor desgosto. Sua maior alegria era olhar para o espelho e poder dizer: "Mamãe, eu fui hoje o que tu querias que eu fosse."

Vendo-a, todas as noites e todas as manhans, olhar para o espelho, parecendo conversar com elle, o pae lhe perguntou, um dia, a causa desse extranho proceder. "Meu pae, respondeu ella, eu olho para este espelho todos os dias para nelle vêr mamãe e lhe falar." Contou, então, o ultimo desejo de sua mãe e a promessa que havia feito e cumpria.

Comovido deante de tanta ingenuidade, obediencia e amôr filial, o velho deixou correr silenciosamente as lagrimas, sem coragem de dizer á filha que a imagem que ella via no espelho era o reflexo mimoso do seu rosto,



que pela afinidade e pratica constante das mesmas virtudes, dia a dia mais semelhante se tornava ao da morta querida.



